

**A PERSONAGEM FEMININA EM “UMA DOSE DE CICUTA”, DO
ESCRITOR AGNALDO RODRIGUES DA SILVA**

**THE FEMALE CHARACTER IN “UMA DOSE DE CICUTA”, BY
WRITER AGNALDO RODRIGUES DA SILVA**

Lucimaira da Silva Ferreira¹

Recebimento do texto: 22/04/2021

Data de aceite: 20/05/2021

RESUMO: Este texto analisa o conto “Uma dose de cicuta”, de Agnaldo Rodrigues da Silva, à luz das teorias de Antonio Candido. O conto foi publicado em 2011, em livro de título homônimo, pela editora Unemat. Trata-se de uma coletânea de 11 contos ficcionais que abordam vários temas sociais, entre os quais: a violência doméstica contra as mulheres, o parasitismo humano, desigualdades sociais, crises existenciais, inveja, cobiça, infidelidade, medo, culpa e morte. No conto escolhido para análise, será focada a temática da morte que, na narrativa, desempenha um papel fundamental para resolução de um problema socioexistencial.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura mato-grossense. Agnaldo Rodrigues da Silva. *Dose de Cicuta*. “Uma dose de cicuta”. Personagem feminina.

ABSTRACT: This text analyzes the short story “Uma dose de cicuta”, by Agnaldo Rodrigues da Silva, in the light of Antonio Candido’s theories. The short story was published in 2011, in a book with the same title, by the publisher Unemat. It is a collection of 11 fictional short stories that address various social themes, including: domestic violence against women, human parasitism, social inequalities, existential crises, envy, greed, infidelity, fear, guilt and death. In the short story chosen for analysis, the theme of death will be focused which, in the narrative, plays a fundamental role in solving a socio-existential problem.

KEYWORDS: Literature of Mato Grosso. Agnaldo Rodrigues da Silva. *Dose de Cicuta*. “Uma dose de cicuta”. Female character.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso.

A história da mulher é a história da pior tirania que o mundo conheceu: a tirania do mais fraco sobre o mais forte.
(OSCAR WILDE)

Ao analisar o percurso histórico da mulher em algumas sociedades, pode-se notar que a figura feminina, a princípio, sofreu (e sofre) muitas influências do meio em que vive, aspecto que define a sua posição social no seu grupo de referência. Na antiguidade, em sociedades predominantemente patriarcais, a mulher era sempre representada na condição de subordinação ao homem, em que a presença masculina predominava em todas as decisões. Cabia a mulher apenas obedecer e respeitar, sendo-lhe negada uma evolução intelectual, assim como uma projeção no mundo do trabalho. A mulher ideal era aquela criada para casar, ter filhos e cuidar do lar. De certo modo, o romantismo recupera esse ideal de mulher que há séculos lançava essa personagem à sombra da história, uma figura romantizada moldada à imagem de Nossa Senhora. Em *O segundo sexo*, Beauvoir (1970) estabelece um percurso fundamental para se compreender a mulher no contexto das sociedades matriarcais e patriarcais, assim como as questões das desigualdades que se firmaram no ocidente e oriente. Para a autora,

a igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública. 'A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente' (BEAUVOIR, 1970, p. 75).

No pensamento da autora, como se observa em *O segundo sexo* (1970), a subalternização da mulher apresenta nuances ligadas a sua capacidade de trabalho, como se ela não tivesse as mesmas competências (capacidades) do homem. Lançada a viver à sombra da figura masculina, convenção balizada na própria narrativa sagrada, ela volta a encontrar no mundo moderno a sua igualdade com o homem, principalmente a partir da Revolução Industrial, quando as portas se

abrem, gradativamente, ao mercado de trabalho. Mesmo que sua remuneração tenha sido inferior para o desempenho das mesmas funções masculinas, a mulher consolidou o início de suas resistências ao tradicional paternalismo capitalista que, na maioria das sociedades, impedia que a igualdade entre os sexos se realizasse. No entanto, como afirma Beauvoir (1970), a mulher conquistará e desfrutará da igualdade na sociedade somente no dia em que tais resistências contra ela se romperem. Esse rompimento pressupõe a quebra do círculo vicioso que fora criado pelo pensamento patriarcal ao longo das gerações.

Em “Uma dose de cicuta” a protagonista da narrativa apresenta-se envolvida e dominada pelas convenções sociais, pois aceita as normas e regras, sem questionar nem buscar mecanismos de superação para romper esse círculo vicioso. Ela vive à sombra da figura masculina, em que o casamento torna-se o refúgio para uma vida tranquila e provida. No entanto, essa condição parece abrir uma válvula para uma vida sozinha e infeliz, mesmo estando acompanhada. A inércia em mudar o próprio destino impede a sua libertação das amarras do casamento, tornando-a mera representação da espera, da agonia e da escravidão psicológica, em relação ao papel imponente do homem.

Na contística agnaldiana diversos elementos narrativos envolvem referenciais cromáticos que variam entre o vermelho, o preto e o branco. Cores escolhidas para adornar algumas possibilidades enunciativas dos cenários construídos para as tramas das narrativas. Podemos remeter a cor vermelha a paixão, o calor, a intensidade, o preto ao luto e a dor, e o branco a simbologia da paz tão sonhada e desejada pela mulher. Sendo assim, ajudam a promover o impacto desejado nas situações psicológicas em que estruturadas personagens estão envolvidas.

Com as mãos, balançou os longos cabelos negros de um lado para o outro, insinuando-se para si mesma frente ao espelho. Depois, contornou a boca com um batom rosa escuro, igual àquele que provavelmente a Lucíola, de Alencar, deslizava sobre os lábios antes de entrar no seu quarto vermelho para exercer a prostituição. (SILVA, 2011, p. 79)

Durante a leitura o leitor viaja pelo mundo da fantasia, uma vez que ele terá que ler metaforicamente os contos, preparando-se, psicologicamente, para

submergir no fantástico e no onírico. Em algumas destas viagens, que muitas vezes são um grito de socorro, identifica-se uma situação de opressão e dor que empurra as personagens à crise existencial. Os fatos narrados são, portanto, formas de denunciar situações- problemas que ocorrem no núcleo familiar, bem como no meio social, cultural e político, constantemente levando ao debate as desordens/desajustes existenciais e sociais. Ficção e história são confrontados no universo do conto, recuperando aspectos da memória coletiva que se consolidou ao longo dos séculos.

Roberts (1998), ao traçar o lastro histórico da mulher ao longo do tempo, identificou o percurso que se segue do período no qual ela detinha o poder de dominação, especificamente nas sociedades matriarcais, e a chegada da dominação masculina nesses redutos. A prostituição sagrada, por exemplo, utilizada para o endeusamento feminino antes dessa dominação masculina, passou a ser condenada, de modo que as mulheres que aderiam tais práticas foram taxadas de pecadoras. Panizzon; Coqueiro (s.d), na linha de pensamento de Roberts (1998, p. 3), eles destacam que, antes daquelas civilizações que se apresentaram sob o domínio masculino, “eram as mulheres as detentoras de atividades voltadas à agricultura e aos serviços gerais nas sociedades pré-históricas”. Sacerdotisas (ou seguidoras) da Grande Deusa, essas mulheres acreditavam em uma origem sagrada, a partir dessa divindade, criando uma relação entre Mãe (Grande Deusa) e Filha (Mulher/Criatura). Nesse contexto, a figura feminina cultivava o poder de dominar suas sexualidades e, “desse poder, mantinham o costume de cultuar a deusa, por meio de prostituição sagrada em templos a essa divindade para, enfim, garantir a fertilidade agrícola e populacional”. Essa relação entre o divino e o humano atribuía à mulher o *status* de representação sagrada, *status* esse, posteriormente, rasurado pela sociedade patriarcal.

Priore (2001), ao discutir a história das mulheres no Brasil, afirma que elas somente tiveram papel benéfico na sociedade patriarcal, caso fossem criadas e educadas para se casarem, tornando-se o anjo da guarda do lar. No casamento, portanto, a mulher deveria exercer o seu papel de mãe, pois, se fugisse a essa convenção que a destinava à benfejeira vida privada, tornava-se o símbolo do mal. Com isso, ela era impedida de usurpar o poder político, uma vez que, se assim o fizesse, era considerada adúltera ou feiticeira. “Uma dose de cicuta”, sem dúvida,

recupera esse percurso histórico, ao passo que (de) limita o espaço de ação da protagonista no contexto da instituição casamento.

No conto em análise, portanto, a vida da mulher é representada de forma provocadora, sem ocultar detalhes, revelando, assim, um paradoxo entre a imaginação e a realidade, a ficção e os aspectos da história oficial. O leitor, no mergulho que faz na narrativa, tende a viver com a personagem a opressão física e psicológica sofrida por longos anos. Percebe-se que a protagonista transita entre a obediência e a pretensa rebelião (imaginação), desencadeando uma trama psicológica intensa, potencializada em um drama repleto de particularidades do mundo feminino.

“Uma dose de cicuta” é um conto que reverbera o lugar subalterno da mulher ao longo da história, questões superadas em algumas sociedades, porém ainda presentes (e persistentes) em outras, em pleno século XXI. Sabe-se que, nos tempos atuais, muitas situações, como aquelas representadas no conto, acontecem diariamente nas esferas sociais, uma realidade histórica que se observa pelos meios de comunicação e informação. Nota-se que a personagem protagonista transita entre as esferas da ordem e da desordem, pois, há uma alternância entre a linearidade da vida em família (ordem), em que ela exerce o papel de esposa, dona do lar e responsável pelos afazeres da casa, e o mundo do faz-de-conta, no qual a protagonista vive situações fantasiosas que existem apenas em sua imaginação. O lado da ordem engloba o papel da esposa submissa, porém o da desordem, cabe à esposa transgressora que rompe com os padrões impostos pela sociedade e imagina, até mesmo, em resolver a situação com o assassinato do próprio marido. A suposição da libertação pela morte do marido transgredir aquilo que se encontra estabelecido à mulher no mundo construído pela narrativa, conforme se observa no fragmento:

Era hora da campainha tocar.

Não tocou.

Abriu a porta, esteve do lado de fora e ela mesma tocou a campainha. Já dentro de casa, gritou: *Já vou, um momento!*

Abriu a porta e pediu que ele entrasse.

Jantaram para, então, oferecer-lhe um cálice, no qual havia posto a dose de cicuta.

Ele bebeu.

Chamou-a de puta por várias vezes até começar a babar as grossas salivas nojentas. Caiu, fechou os olhos e devolveu a ela a tão sonhada liberdade... (SILVA, 2011, p. 81).

Durante a trama, a personagem tenta se livrar daquela situação de tortura psicológica, mas falha, porque não consegue superar as convenções sociais, muito menos as regras estabelecidas pela instituição casamento. Por isso, sente-se, mais uma vez, coagida pelo sistema, permanecendo tudo do jeito que estava. Paralelamente, percebe-se que não há a interferência de filhos ou de outro possível membro da família, pistas que levam o leitor a construir a imagem de uma relação a dois: a trama e o drama concentram-se apenas no homem e na mulher. A questão leva a refletir: por que o autor escolhe construir uma família tradicional, sem a presença de filhos? Mais uma demonstração de ordem e desordem se estabelece, porque uma família ideal, nos moldes daquelas de sistemas patriarcais, seria uma constituída com a presença de filhos (a prole), que são o laço estrutural do eixo familiar desde a antiguidade. Estagnada naquela situação de ódio e revolta, diante do domínio masculino, a personagem do conto não esboça nenhum tipo de reação que pudesse a tirar daquela cena de horror.

A campanha tocou. Agora era a realidade, não mera fantasia. Levantou do sofá com o vestido de chita de sempre, cheirando a mofo, a boca pilada por há muito tempo não sentir o deslizar do batom. Ao abrir/ a porta, ele socou-lhe um tapa no rosto e disse:

-Vagabunda! Por que demoraste a abrir a porta? Nem para esposa serves, sua parva. (SILVA, 2011, p. 81)

Para Antonio Candido (2006), a relação entre sociedade e literatura se estabelece quando se consegue perceber o externo sendo incorporado ao interno na estrutura do texto, em como a trama foi construída pelo autor, articulando movimentos de imanência e transcendência. Nessa perspectiva, a obra literária torna-se uma representação do homem e da sociedade, suas culturas, histórias, memórias e identidades. O papel da mulher na sociedade é um papel de luta e omissões, porque as mulheres, por muito tempo, foram silenciadas, excluídas da vida social; sua importância era somente para procriação, cuidados com a casa e

afazeres domésticos, verdadeira subordinação ao papel do patriarca, que era até então um ser superior. Essa superioridade estava na figura do pai e, depois, pela figura do marido. Temos a representação dessa estrutura patriarcal no conto, a partir da construção das personagens que, por sua vez, representam conceitos ainda vigentes na sociedade contemporânea. Como salienta Candido (2006),

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno* (CANDIDO, 2006, p. 13 e 14).

A representação da mulher na literatura tem sido um tema bastante visitado no decorrer das décadas, por escritores dos diversos sistemas literários. No caso do conto em análise, este traz elementos interessantes para exploração da temática, como a representação do patriarcalismo que impera na sociedade, desde o início da história da humanidade. Desse modo, há lugar para a figura feminina no contexto da instituição do casamento, a fugacidade para suportar a dura realidade, o contraponto história e ficção e também a possibilidade de avaliação da produção literária na sociedade contemporânea, no sentido de avaliar o seu caráter empenhado/engajado. Algumas cenas do conto “Uma dose de cicuta” reverberam a tensão e perversidade da sociedade machista contra a mulher. No conto, a protagonista permanece estagnada no tempo, porém gerando um desejo imenso de liberdade, ainda que tardia e imaginada. Sentia-se presa a figura masculina, por um laço de tristeza e solidão. Por isso, almejava a liberdade como perspectiva futura de uma possível felicidade.

Sobre a mesa estava a garrafa de champagne. Pôs o copo até ao meio e, brindando a insensatez da futura liberdade, degustou gole a gole o doce tear da vitória. Sentia o sabor da conquista.

Ah como tinha sofrido até vencer a guerra! Guerra de vinte anos – pensou com os olhos fixos no tempo. Ela já não era mais nenhuma adolescente, a juventude tinha lhe ido, restava apenas a velhice. Estava velha! Velha como aquelas peças de museu ou cacarecos que as pessoas não querem mais dentro de suas casas... (SILVA, 2011, p. 79).

A personagem protagonista sente-se nula, sem quaisquer possibilidades de libertação e, com isso, imagina na morte do marido a válvula de escape. O narrador nos apresenta uma personagem que dialoga consigo mesma, deixando o leitor por dentro das suas reflexões e com possibilidades de conhecer de perto suas indagações, sua vida e suas particularidades. Tem se o contraponto entre a imaginação e a realidade, ambas confrontando historicidade e vivência humana. A sociedade é criticamente avaliada na narrativa, focando a representação da mulher (silenciada/ oprimida), assim como na figura masculina como o provedor da família. Entretanto, sabemos que essa mulher é fruto de acontecimentos e construções que não a colocava como centro da história social. Em “Uma dose de cicuta” vemos o desejo sendo saciado pela imaginação, diante da morte planejada/ premeditada, a fim de se livrar daquele pesadelo.

Maldito carrasco! - Gritou várias vezes.
Tudo isso porque o marido tinha lhe sido ao longo de tantos anos um maldito carrasco.
Em breve, ele chegaria. Foi até a cozinha, pegou o copo e deitou uma dose de cicuta. Ele deveria beber!
- E se não bebesse? Não, decerto beberia- imaginou apreensiva (SILVA, 2011, p. 80).

Entretanto, há na história o desejo constante de acabar com aquele sofrimento vivido por tantos anos. Vemos que ela o serve, providencia tudo para seu benefício e poderia ter em suas mãos a chave que a livraria daquela situação de subalternidade e humilhação. A narrativa é preenchida por elementos narrativos alucinantes e buscas incessantes de fuga de uma realidade, posta à maneira do escritor que vive na contemporaneidade.

Na medida em que se acentua o valor estético da obra ficcional o mundo imaginário se enriquece e se aprofunda,

prendendo o raio de intenção dentro da obra e tornando-se, por sua vez, transparente a planos mais profundos, imanes à própria obra. Só agora a obra manifesta todas as virtualidades de “revelação” — revelação que não se deve confundir com qualquer ato cognoscitivo explícito, já que é em plena “imediatez” concreta que o mediado se revela, na individualidade quase-sensível das camadas exteriores e na singularidade das personagens e situações (CANDIDO, 1968, p. 33).

Através das atitudes machistas, das agressões físicas, dos xingamentos e tantas outras formas de agressão física e psicológica, é que se percebe a sociedade excludente na qual vivemos, em que as mulheres, lutam para conquistar seus direitos de igualdade, em relação aos homens. Escrito na contemporaneidade, o conto trabalha com memórias de um passado de dificuldades vivido pelas mulheres. Ainda hoje muitas mulheres aceitam esse papel subalterno, porque são dependentes financeiramente do esposo. Com isso, se veem sem condições de sair para lutar, trabalhar e sustentar a casa, suportando as mais variadas situações. Mesmo diante dessas situações de violência, elas não conseguem se libertar, de modo que o contraponto ficção/história percebido constantemente na narrativa. A literatura, portanto, demonstra a sua face amplamente empenhada, levando ao leitor provocações em aberto que possam suscitar novos debates e denúncias sociais e culturais.

Serviu o jantar num prato de louças barato. O vinho, de quinta categoria, foi despejado num copo de massa de tomate bem ordinário. Olhava para ele e imaginava o quanto seria bom ter acrescentado naquela bebida uma única dose de cicuta. Quis rir, mas não ousou. Nunca teria coragem para tanto atrevimento.

Apenas disse:

- Senti saudades tuas, querido! (SILVA, 2011, p. 82).

A literatura consegue nos mostrar um olhar para a sociedade que, muitas vezes, pode ser um olhar de denúncia, como no conto em análise. Pode-se, através do poder da escrita, trazer à ficção faces da realidade histórica, como forma de provocação e transformação social. A representação da realidade nua, tal qual ela se apresenta na vida real. Nessa direção a relação da história e da sociedade nos

leva a compreender o necessário papel da literatura em nossas vidas e as várias possibilidades de interpretar um texto literário.

“Uma dose de cicuta” leva-nos a tocar numa ferida, onde muitas pessoas preferem não mexer, deixando na invisibilidade, os problemas sociais. Essa atitude fortalece tais violências e, com o passar do tempo e dos acontecimentos, tornam-se incontroláveis, como se pode acompanhar nos noticiários. Essas situações históricas enraizadas na sociedade podem, com a evolução da história das mulheres, fazer parte de um passado de lutas e conquistas, com a construção de novas realidades onde a mulher tenha a oportunidade de ser valorizada e respeitada como merece.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio (Org). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva. 2009.

PANIZZON, Mateus Savaris; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Figuração da Prostituta no Romance Contemporâneo de Maria Valéria Rezende. **VI SIES**. S.d. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/sies/anais/PDF/GT-12/12.06.pdf>, acesso em 05 Abril 2021, às 16 horas.

PIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 5 ºed. São Paulo: Contexto, 2001.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1998.

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Dose de Cicuta**. Cáceres: Editora Unemat, 2010.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.